

PAISAGENS DE MÁRIO BUENO NO ACERVO DA UNICAMP

Juliana de Sá Almeida Duarte

Orientadora.: Prof. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto

Esta apresentação é resultado de minha pesquisa de iniciação científica, orientada pela professora Fátima Couto e financiada pelo CNPQ. A pesquisa buscou compreender, a partir das obras do pintor Mário Bueno, suas experiências no campo da abstração. Foram usadas as obras iniciais do pintor, com um recorte temporal de 1940-50. Vale ressaltar que estas obras, em sua maioria, pertencem a galeira de Arte da Unicamp.

Mário Bueno

Mário Bueno nasceu em Campinas no ano de 1916 e trabalhou durante alguns anos na Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Inicia-se na pintura em 1943, aos 27 anos.

Seu aprendizado deu-se por meio da prática e troca de experiências com outros artistas. Na opinião do crítico Marc Berkowitz, Bueno conseguiu reunir “talento, técnica e trabalho”.

Bueno participou de 3 Bienais internacionais de São Paulo, nos anos de 1965, 1967 e 1971, e tem obras no MACC, no Museu de Arte Contemporânea da USP, na Pinacoteca do Estado de SP e no Museu de Arte Moderna de SP.



Conjecturas, 1969
Prêmio aquisição
do I Salão Paulista de Arte



Manifesto, 1970



Figurantes II, 1979

Formação

Durante as décadas de 1940 e 50, Mário Bueno e Thomaz Perina pintavam juntos a periferia da cidade de Campinas. Com o surgimento das Bienais, os pintores começam a frequentar a cidade de São Paulo para visitar a mostra internacional, bem como, possíveis exposições de arte. Bueno viu com grande importância as visitas que fez as primeiras Bienais, pois as obras apresentadas confirmavam suas idéias a respeito da liberdade de criação.

Após tomar contato com a arte de vanguarda européia e norte americana, os dois pintores, em parceria com o artista Edoardo Belgrado, Raul Porto, e alguns alunos de Thomaz Perina, formam o Grupo Vanguarda.

Os pintores tinham a intenção de fortalecer o debate sobre as idéias modernas e sobre a recente arte abstrata, bem como, em conjunto, organizar exposições de arte contemporânea, uma vez que a cidade de Campinas apresentava apenas produções de forte cunho acadêmico. Em uma reportagem do Estado de S. Paulo lê-se:

Bueno e Perina pintam desde 1943 e sua adesão à formas novas foi uma atitude corajosa, no meio de um ambiente que pertencia fiel ao Academicismo.¹

É importante apontar que a unidade do Grupo Vanguarda era dada somente por este afrontamento com a arte acadêmica e por uma tendência à abstração. Os trabalhos dos artistas eram bastante diversificados entre si.

Obra

Os trabalhos iniciais de Mário Bueno datam do início da década de 40, durante os citados passeios com Thomas Perina. É ele quem relembra estes momentos:

Tudo era pitoresco e atrativo para se pintar, pra transportar para a tela [...] Depois que chegávamos do campo, mudávamos muita coisa [...] tinha o motivo[...] mas chegava em casa e sintetizava.²

Alguns trabalhos dos dois artistas realizados nesta época apresentam elementos semelhantes. Além do tema recorrente dos vagões e trilhos de trem, Perina e Bueno trabalhavam com cores rebaixadas e possuíam uma pincelada rápida, que fazia a obra parecer um esboço, deixando muitas vezes aparente o branco da tela.

Na obra de Mário Bueno intitulada *Ferrovias*, de 1954, o artista utiliza-se da representação de cenas do seu cotidiano para introduzir questões formais em suas pinturas. A obra apresenta uma estrutura em planos, que produz certa profundidade a imagem, reforçando a horizontalidade da composição.

Já a série *Paisagens*, são estudos do artista em papel de pão, com tinta diluída. Em *Paisagem* feito entre 1952-4, o pintor estrutura uma cena rural - casas, um animal, árvores, cerca - com áreas de diversas cores retangulares, e o desenho é formado por uma pincelada espontânea. O artista serve-se do suporte de papel para unir todos os elementos colocados em cena.

Em outro estudo, da mesma época, Bueno desenha casas e árvores em que as cores se integram por conterem tons rebaixados, e já não há mais vazios que deixam aparente o suporte pois este está quase todo preenchido com tinta.



Mário Bueno, Paisagem, 1955.
Acervo da Galeria de Arte da Unicamp



Mário Bueno, Paisagem, aprox. 1957.
Acervo da Galeria de Arte da Unicamp

Este último trabalho aproxima-se de outra pintura de Bueno, Paisagem, de 1955, que possui uma característica mais geometrizzante. O pintor aplica diversas camadas de

1 “Quebra-se o monopólio das grandes capitais, despontam valores por todo o país: são novas perspectivas para a arte brasileira.” *Arte no Brasil*. Volume 2. Reportagem do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, sem data.

2 Entrevista com Thomas Perina e Benê Bueno realizada no ateliê de Mário Bueno, em 7 de abril de 2004, pelo professor Geraldo Porto. Vídeo pertence a Galeria de Arte da Unicamp.

cores distintas com uma espátula, que traz maior materialidade ao trabalho. Os tons, por mais rebaixados que estejam, ainda contrastam entre si.

É possível perceber a construção de planos, os quais acabam por dar certa profundidade à composição - o gramado onde se encontram árvores, um caminho à esquerda que leva a uma ponte, o rio e as casa. Porém, no canto superior direito da tela esta progressão de planos é quebrada por uma representação aérea do bairro- a rua que segue é representada como se vista de cima.

No quadro *Paisagem*, de aproximadamente 1957, Bueno, aprofunda a simplificação da forma. Já não há uma preocupação em estabelecer uma profundidade através de planos. O tratamento plástico se intensifica. As marcas da espátula agora compõem formas e cores, que passam a ocupar toda a área da tela.

Estas composições que Bueno constroi dão suporte às suas experimentações abstratas, nas quais a questão compositiva e formal são mais relevantes que o tema. Apresento como exemplo as obras *Composição, Pintura* e a obra sem título, nas quais fica aparente a crescente preocupação do artista em estabelecer relações plásticas- matéria, cor e estruturais, em que áreas de cor horizontais e verticais voltam a aparecer. E pelo título percebe-se também o afastamento de um motivo.

O artista escreve:

Na arte, será sempre através dos elementos formais (proporção e harmonia) que chegaremos a sentir o espírito (vibração criativa, que uma obra possa nos transmitir, estando o seu resultado condicionado às soluções plásticas.³

Bueno acaba se aproximando da corrente abstracionista, seu processo de criação evidencia sua assimilação da arte abstrata. Esta aproximação promove mudanças nos trabalhos de outros artistas do Grupo Vanguarda. Thomaz Perina começa a sintetizar suas paisagens e seus trabalhos se assemelham, novamente, aos de Bueno, como é o caso de *Paisagem*, de 1958, em que são usadas cores rebaixadas e áreas geométricas ritmadas.

Mesmo assim, trabalhos como os de Perina e Bueno, continuam a apresentar certa espontaneidade e lirismo. Por mais que sejam composições abstratas, em muito se diferenciam dos trabalhos com vertente afirmadamente concretista, como os do artista Raul Porto também pertencente ao Grupo Vanguarda.

Raul Porto apresenta uma obra mais racionalizada, de contrastes intensos e formas geométricas com linhas precisas, sem preocupações de fatura, aproximando-se dos trabalhos do grupo concreto de São Paulo. O grupo paulista, fundado em 1952, tinha como líder Waldemar Cordeiro, e os artistas defendiam, segundo a enciclopédia do Itaú Cultural, uma:

... autonomia de pesquisa com base em princípios claros e universais, capazes de garantir a inserção positiva da arte na sociedade industrial. Para eles, toda obra possui uma base racional, em geral matemática⁴.

Seus trabalhos apresentam forte geometrização, um uso de linhas precisas com a cobertura uniforme da tela. As cores utilizadas são, em sua maioria, cores puras, sem variação tonal. A estrutura dos quadros, pela repetição de elementos e o uso de cores, cria efeitos óticos no espectador.

3

Textos datilografados do artista, sem data, pertencentes ao Centro de Memória da Unicamp, pasta Mário Bueno, Produção intelectual. Em fase de catalogação.

4 Página referente ao Grupo Ruptura, In Enciclopédia do Itaú Cultural, www.itaucultural.org.br, acessado em 1 de junho de 2009.

O Grupo Ruptura influenciou a criação do Grupo Vanguarda em Campinas. Se comparados, a diagramação e o conteúdo de seus manifestos são muito semelhantes. Ambos propõem uma renovação artística e o rompimento com a arte acadêmica.

Waldemar Cordeiro contribuiu muito com os artistas de Campinas, promovendo exposições em São Paulo e defendendo a arte moderna feita na cidade. Esta aproximação de Cordeiro com o Vanguarda pretendia demonstrar a tese do artista de que a arte abstrata teria princípios claros e universais e estava sendo produzida fora dos grandes centros.

A relação de Waldemar Cordeiro com Mario Bueno amplia-se no início dos anos 1960. Cordeiro chega a dizer que Bueno era um artista que procurava clareza em sua linguagem e sua construção favorecia e exaltava a espontaneidade. O uso das cores rebaixasadas com variações sobre o mesmo tom serviria para a simplificação de suas estruturas. Interessante apontar, porém, algumas diferenças entre estes artistas, uma vez que o discurso do artista campineiro, por uma arte abstrata de cunho lírico, anti-geométrico, pouco se assemelha à produção de Cordeiro do período. Waldemar Cordeiro apresentava trabalhos fortemente racionais. Utilizava-se de cores primárias e suas complementares para criar formas geométricas que eram apresentadas de maneira a estabelecer um ritmo serial à pintura, além de afirmar a planariedade da tela, portanto, não deixava aparente sua pincelada, não deixava indícios de uma gestualidade. Já Bueno pesquisava as pequenas variações tonais com uma constante mistura de cores. Em uma reportagem mais tardia sobre Bueno, de autoria de Fábio Magalhães, lê-se:

O abstracionismo de Mário Bueno se interessa por uma plástica cada vez mais pura e o espírito lúdico articula uma geometria livre que nunca obedeceu à ortodoxia das propostas de Waldemar Cordeiro ou outras regras concretistas (...) Bueno recebeu uma influência sobretudo cultural daquele artista: o predomínio da razão que soube impor em seu trabalho sem matar a emoção e a fantasia, geradoras de sua poética de signos⁵.

Por conta deste relacionamento entre artistas da capital e do interior, costuma-se aproximar a produção de Mário Bueno à arte concreta. Porém, a pintura inicial de Bueno, a meu ver, aproxima-se mais aos trabalhos dos pintores do Grupo ‘Santa Helena’, de São Paulo, do que da arte concreta, proposta por Cordeiro.

O Grupo Santa Helena formou-se entre os anos de 1935-6, era composto por profissionais liberais da pequena burguesia, que se reuniam para trocar experiências e conhecimentos técnicos sobre pintura. Faziam parte do grupo artistas como Francisco Rebolo, Mário Zanini, Fulvio Penacchi, Bonadei, Humberto Rosa, Alfredo Volpi.

Importante ressaltar que o Grupo Santa Helena esteve às margens do projeto de modernização da capital São Paulo, apresentavam uma modernização em processo e não consumada, como no caso de Waldemar Cordeiro. Seus artistas não possuíam ideais comuns e nem tinham a pretensão de fazer uma arte nacional.

Os artistas pertencentes ao grupo trazem em suas obras uma característica artesanal e em seus temas observa-se um:

... apego à representação da realidade (que) leva-os a pintar principalmente paisagens, cujos focos são as vistas dos subúrbios e arredores da cidade, as praias visitadas nos fins de semana, a paisagem urbana. Percebe-se a preferência por locais anônimos no limite entre o campo e a cidade.⁶

5 MAGALHÃES, Fábio. “Bueno”. *Diário do Povo*, Campinas 16 de abril de 1978.

6 Página referente ao Grupo Santa Helena, In Enciclopédia do Itaú Cultural, www.itaucultural.org.br, acessado em 25 de maio de 2009.

Interessante apontar algumas semelhanças entre o Grupo Vanguarda e o Sta Helena, ambos os grupos não possuíam um projeto único de produção artística, os artistas se reuniam para debater e trocar informações referentes à arte, porém cada um possuía uma produção individual e distinta. Os temas que os atraíam também se assemelhavam, tratando do limiar entre o campo e a cidade. Em uma reportagem de jornal lê-se:

A arte de Mário Bueno é importante dentro do movimento da arte no Brasil, pois dentro da intuitividade do seu regionalismo, estão concentrados os maiores expoentes da pintura brasileira. Sua pintura tem uma tremenda ligação, em certas fases, com a arte de Aldo Bonadei, principalmente na técnica empregada em algumas paisagens pintadas na década de 50.⁷

A partir deste comentário, compararemos algumas obras de Aldo Bonadei e Mário Bueno da década 50. A obra de Bonadei, *Largo São Bento* apresenta a temática de casarios de bairros recém industrializados, que é recorrente em seu trabalho, bem como ocorre em Mário Bueno. A maneira com que ele compõe as casas é bastante interessante, pois a divisão entre elas dá ritmo à imagem, são formas geométricas estilizadas que conduzem o olhar para o casarão mais ao fundo, de cor vermelha. Na *Paisagem* seguinte, as figuras são mais estilizadas e ocorre o uso contrastante da cor, as figuras apresentam um contorno com linhas assimétricas escuras e a casa é formada por espaços geométricos.

Já na obra *Figura*, Bonadei, vemos uma composição abstrata em que as áreas de cores são mais rebaixadas e recebem um forte contorno em marrom e preto que parecem trazer a frente certas áreas, mesmo assim, não é definido figura e fundo como em sua primeira pintura. Não há nenhuma referencia figurativa.

Outros dois artistas que pertenceram aos grupos em questão cuja produção apresenta algumas semelhanças são Thomas Perina, do Grupo Vanguarda, e Francisco Rebolo, do Sta Helena. Ambos possuíam interesse em paisagens suburbanas e ao longo de suas produções, fica aparente uma sintetização da forma e da cor. As formas orgânicas dão lugar a composições mais geométricas. As cores, empregadas no início possuem valores diferentes, com maior contraste e suas pinceladas perdem fatura.

Interessante observar também, que na pintura dos dois artistas, as paisagens rurais vão se urbanizando e com isso, se geometrizando, ganhando linhas mais precisas.

Conclusão

Bueno ao longo de sua vida mostrou uma produção coerente. Seu contato com a corrente abstrata deu-se durante a década de 1950, causou certa mudança em seus trabalhos, mesmo assim, manteve suas características de forte lirismo e subjetividade. O pintor passa a preocupar-se mais com a estrutura formal da obra, pincelada, composição, cores e suas temáticas vão se transformando, apontado cada vez mais para o subjetivo.

Mário Bueno, morre em 2001 e pode se dizer que foi um grande nome da arte na cidade de Campinas, deve-se reconhecer sua importância na difusão e produção de arte moderna na cidade e região. Sua obra foi reconhecida nos grandes centros, a partir da década de 60 com sua participação em três Bienais Internacionais de São Paulo, e exposições individuais. Atualmente continuo a pesquisa com o enfoque na produção de Bueno dos anos 60 e 70.

7 “Um homem artista”, Jornal de Domingo, Campinas SP, 23 de abril de 1978.

Referências Bibliográficas:**Livros e Teses**

- CAMPOS, Crispin A., “*Um olhar sobre o Grupo Vanguarda; uma trajetória de luta, paixão e trabalho*”, Dissertação de Mestrado da Faculdade de Educação, Unicamp 1997.
- COCCHIARALE, Fernando e GEIGER, Ana Bela. *Abstracionismo geométrico e informal- a vanguarda brasileira nos anos cinquenta*, Rio de Janeiro, Funart, 1987.
- COUTO, Maria de Fátima Morethy, *Por uma vanguarda nacional*, Campinas, Editora da Unicamp, 2004.
- FABRIS, Annateresa. *Modernidade e Modernismo no Brasil*, Campinas, Mercado de Letras, 1994
- PEDROSA, Mário, *Acadêmico e modernos*, São Paulo, Edusp, 1998.
- PEIXOTO, Dayz e SILVA, José Armando P., *Thomasz Perina – Pintura e Poética*, Campinas, 2005.
- ZAGO, Renata Cristina de Oliveira Maia. *Os Salões de Arte Contemporânea de Campinas*, Dissertação de Mestrado No Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, 2007.
- ZANINI, Walter, *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo, Instituto Walther Moreira Sales, 1983.

Catálogos organizados por ano de publicação

- *Salão de Outono-Exposição de desenho e pintura de artistas campineiros*, organizado pela Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, realizado em 17 de maio a 6 de junho de 1943 no Teatro Municipal de Campinas.
- *2o. Salão dos Novos*, organizado por Manoel Erbolato, realizado em 10 de fevereiro de 1949 no Teatro Municipal de Campinas.
- *7o. Salão de Belas Artes da cidade de Campinas e 2o. Intermunicipal do interior*, realizado em junho de 1950.
- *XVII Salão Paulista de Belas Artes*, organizado pelo serviço de fiscalização artística da secretaria do governo, realizado em 8 de agosto de 1952, nos salões do Trianon.
- *Grupo Vanguarda*, realizada em 12 de junho de 1962.
- *Exposição Mário Bueno- Retrospectiva*. Realizada de 5 a 30 de abril de 1978, no Museu de Arte Contemporânea de Campinas.
- *Exposição Mário Bueno- desenhos e pinturas*, realizada em 18 de março a 12 de abril no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Exposição Acervo Unicamp*, realizada em 1984
- *Expoição Grupo Vanguarda de Campinas e 3 Artistas de Sto. André*, realizada em 1 de agosto de 2000 no Salão de exposições do Centro Cívico de Santo André.

Periódicos (reportagens de jornal) organizados por ano de publicação**1958**

- “Manifesto do Grupo Vanguarda”, *Jornal do Centro de Ciências Letras e Artes*, Campinas, junho de 1958.
- MENDES, José de Castro, “Segunda Exposição de Arte Contemporânea”, Campinas, 29 de junho de 1958.
- HEINZL, Alberto Amendola, “Notas soobre a II exposição de arte contemporânea”, *Correio Popular*, Campinas 2 de julho de 1958.
- FILHO, José Alves, “Um esforço diferente”, *Correio Popular*, Campinas, 2 de setembro de 1958.

1959

- HEINZL, Alberto Amendola, “Grupo Vanguarda”, *Jornal de Campinas*, 4 de agosto de 1959.

HEINZL, Alberto Amendola, “Arte”, *Jornal de Campinas*, 23 de Agosto de 1959.
“Obras de artistas de Campinas na Galeria de Arte das 'Folhas'”, *Folha da Manhã*, São Paulo, 1959.

CORDEIRO, Waldemar, “Mostra Paulista de arte campineira”, *Correio Popular*, Campinas, 26 de agosto de 1959.

VIEIRA, José Geraldo, “Artistas de Campinas”, *Folha da Manhã*, São Paulo, 30 de agosto de 1959.

“Terminam hoje as exposições dos sete artistas campineiros”, *Folha da Manhã*, São Paulo, 1 de setembro de 1959.

1960

“Campineiros na 'Galeria de Arte da Folha'”, *Correio Popular*, Campinas, 3 de agosto de 1960

1963

“Arte contemporânea- 'tendências informais'”, *Diário do Povo*, Campinas, 13 de agosto de 1963

1964

“Criado o Acervo Unicamp, com mostra itinerante”, *Correio Popular*, Campinas, 13 de abril de 1964.

OLIVEIRA, José Francisco Duarte de, “Oito artistas de campinas expõem na SAC”, *Diário do povo*, Campinas, 13 de Setembro de 1964.

1969

“V Salão de Arte Contemporânea”, *Correio Popular*, Campinas, 24 de Setembro de 1969.

“V Salão de Arte Contemporânea”, *Diário do Povo*, Campinas, 2 de outubro de 1969.

CAMILO, Neuza M., “A arte dos nossos tempos” *Diário do Povo*, Campinas, 19 de outubro de 1969.

1970

“I Exposição do Grupo Caipira” *Correio popular*, Campinas, 16 de julho de 1970

“Mário Bueno incluído outra vez na Bienal”, *Diário do Povo*, Campinas, 12 de setembro de 1970.

“Artistas campineiros premiados em Jaú”, *Diário do povo*, 27 de setembro de 1970

“Selecionados as obras para o VI Salão de Arte Contemporânea”, *Correio popular*, Campinas, 15 de setembro de 1970.

“Conheça arte contemporânea visitando VI Salão da SEC”, *Correio Popular*, Campinas, 1 outubro de 1970.

“Inaugurado o Salão de Arte Contemporânea”, *Correio Popular*, Campinas, 6 de outubro de 1970.

“Chamam isto de arte. O povo acha que não é”, *Diário do Povo*, Campinas, 7 de outubro de 1970.

“Clube de Arte Moderna trabalhando pela Arte Contemporânea”, *Diário do Povo*, Campinas, dezembro de 1970.

1971

“A pintura de Mário Bueno”, *Diário do Povo*, Campinas, 21 de março de 1971.

“Resumo da Semana”, *Correio Popular*, Campinas, 30 de maio de 1971.

1975

“Décimo Salão de Arte Contemporânea”, Campinas, 29 de agosto de 1975.

“Chamaram isto de arte. O povo acha que não é”, *Diário do Povo*, Campinas, 7 de outubro de 1975.

1978

“Mário Bueno desde jovem envolvido com a pintura”, *Diário do povo*, Campinas, 21 de janeiro de 1978.

“Vaver Domingo”, *Diário do Povo*, Campinas, 16 de abril de 1978.

MAGALHÃES, Fábio, “Bueno”, *Diário do Povo*, Campinas 16 de abril de 1978

“Um homem artista”, *Jornal de Domingo*, Campinas SP, 23 de abril de 1978.

1981

PEIXOTO, Dayz Fonsceca, “Tempos modernos arte moderna grupo vanguarda” *Correio Popular*, Campinas, 1981.

“Trabalho de 9 meses” *Jornal de Hoje*, Campinas, 29 de outubro de 1981.

“Dois bons momentos da atual pintura brasileira”, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 de abril de 1981.

1984

“Artistas Plásticos campineiros expõem em Piracicaba”, *Diário do Povo*, 26 de setembro de 1984

1986

“ É a vez de Franca conhecer a arte de Campinas” *Diário do Povo*, Campinas, 30 de maio de 1986.

“ As individuais voltam à galeria do Convivência”, Campinas, 24 de julho de 1986.

1987

“Obras de Mário Bueno realizadas há 35 anos. Um gênio redescoberto”, *Diário do Povo*, Campinas, 14 de agosto de 1987.

RIZOLLI, Marcos, “Mário Bueno: Antes do Emblema” *Correio Popular*, Campinas, 26 de agosto de 1987.

1993

CESAR, João Batista, “Mário expõem momentos de liberdade” *Correio Popular*, Campinas, 19 de maio de 1993.

1995

SOARES, Alessandro, “Arte contemporânea para o Brasil ver”

1997

“Tese resgata percurso do Grupo Vanguarda”, *Jornal da Unicamp*, Campinas,, junho de 1997.

“Caderno Plural”, *Diário do Povo*, Campinas, 27 de agosto de 1997.

2002

“Na memória da cidade”, *Correio Popular*, Campinas, 23 de abril de 2002

2006

“A memória da Arte campineira” , *Correio Popular*, Campinas, 13 de julho de 2005

2008

“Vanguarda 50”, *Jornal da Unicamp*, Campinas, 10 de agosto de 2008.

Sites

<http://bienalsaopaulo.globo.com/>

Acessado em Dezembro de 2008

<http://www.ccla.org.br/>

Acessado em julho de 2008

<http://www.itaucultural.org.br/>

Acessado em Maio de 2009

Além dos textos datilografados do artista, sem data, pertencentes ao Centro de Memória da Unicamp, pasta Mário Bueno, Produção intelectual. Em fase de catalogação.